



goya

# MULHERES,

*O feminino através  
dos tempos*

# MITOS

# E DEUSAS

MARTHA ROBLES

# SUMÁRIO

Nota à edição brasileira

Prólogo

Diotima e o amor

## **As origens**

Nix

Lilith

Eva

Ísis

Hera

Alcmena

Deméter

Coré

Afrodite

As Górgonas

Éris e as Erínias

As Moiras

## **Da tragédia à história**

Circe

Medeia

Antígona

Cassandra  
Safo  
Olímpia  
Estatira  
Sisigambis  
Cleópatra  
Hipátia de Alexandria

## **O amor**

Dalila  
Sherazade  
Isolda  
Heloísa  
Margarida

## **As fadas**

Fadas e bruxas  
Merlin e a Dama do Lago  
A Dama de Shalott  
Cinderela

## **Rainhas**

Catarina de Medici  
Elizabeth I em sua agonia  
Cristina da Suécia

## **Caminho de Deus**

Malinche  
Virgem Maria  
Nossa Senhora das Mercês  
Nossa Senhora de Guadalupe  
Nossa Senhora dos Remédios  
Santa Maria de Izamal  
Nossa Senhora de São João  
Nossa Senhora de Zapopan  
Nossa Senhora da Saúde  
Teresa de Jesus  
Sóror Juana Inés de la Cruz

## **Nosso tempo**

Virginia Woolf  
Djuna Barnes  
Isadora Duncan  
María Izquierdo  
Simone de Beauvoir  
Marguerite Yourcenar  
María Zambrano

# NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Martha Robles escreveu *Mulheres, mitos e deusas* em 1966, uma década emblemática na luta pelos direitos da mulher. Mas esta não é uma obra datada, sectária, tampouco panfletária. Feminina, sem dúvida. Escrita por uma mulher, sobre mulheres e sua subjacência na história; mas não se dirige somente a elas. Narra e discute a grande aventura humana sob a óptica particular do olhar feminino.

Buscando interpretar, e ela mesma entender, o papel social da mulher, a escritora mexicana elege algumas personagens célebres para criar um mosaico da condição feminina através do tempo. Ainda que obedeça à cronologia histórica, seu trabalho é atemporal: visita Lilith, a lua negra dos tempos imemoriáveis; as deusas gregas, as entidades míticas e as personalidades marcantes da Antiguidade e da Idade Média; destaca rainhas como Catarina de Medici e as várias faces da Virgem Maria, que simbolizaram o poder e a piedade da Renascença à Modernidade; e finda sua viagem na primeira metade do século XX, berço de verdadeiros ícones da liberdade, da irreverência e da inteligência feminina, como Virginia Woolf e Simone de Beauvoir. E dentre tantas protagonistas, dá

visibilidade também a figuras pouco conhecidas fora de seu país natal.

Em um primeiro momento, as referências a Malinche, às invocações marianas de Zapopan ou de Izamal ou à pintora María Izquierdo podem causar estranheza ao leitor brasileiro, mas este espanto inicial logo se transforma em acolhimento e em oportunidade única para entrar em contato com um universo cultural rico e diversificado.

Através delas, Robles nos desvenda a alma de um México que, semelhante ao Brasil, se equilibra entre a tragédia e a esperança, a riqueza cultural e a aculturação, a opulência e a pobreza, a fé e a desesperança. E através delas acabamos percebendo que nossas trajetórias têm mais afinidades do que diferenças.

Para elucidar esse aspecto singular, a segunda metade do livro é dotada de várias notas explicativas, não apenas para facilitar a leitura como um todo, mas para travar um diálogo mais íntimo com esse “novo mundo”.

# PRÓLOGO

Antes de mais nada, declarou Platão, temos de conhecer a natureza humana e suas vicissitudes, uma vez que nossa índole primitiva não era como a conhecemos agora, mas diferente. Em primeiro lugar, existiam três sexos, e não dois. O andrógino, ainda que participasse das características do masculino e do feminino, era um gênero independente, tanto em forma como em nome, príncipe de ambos os sexos, masculino e feminino, e não um ser submetido ao desprezo e à infâmia, como foi considerado depois.

Em segundo lugar, a forma de cada indivíduo era totalmente arredondada, seus ombros e suas costas formavam um círculo. Tinha quatro braços e quatro pernas, bem como dois órgãos sexuais, dois rostos distintos e opostos, com suas respectivas orelhas em uma única cabeça apoiada em um pescoço circular. Caminhava em posição ereta, tanto para a frente como para trás; porém, caso desejasse correr, girava em forma de sino, assim como fazem os acrobatas, apoiando os braços e as pernas contra o solo até retornar à posição vertical, o que lhe dava grande velocidade, de forma semelhante à maneira como a adquirem as rodas em movimento.

Eram três os sexos assim constituídos, pois no princípio o macho foi descendente do Sol, a fêmea foi gerada pela Terra e aquele que participava de ambos os sexos provinha da Lua,

inseparável dos dois anteriores. Os homens foram feitos circulares à semelhança de seus criadores, terríveis por seu vigor. Sua grande arrogância levou-os a tentar escalar o Olimpo para lá desafiarem os deuses que, hesitando entre fulminá-los com raios e destruir-lhes a linhagem – como já haviam feito com os gigantes – ou modificá-los para não perderem os sacrifícios com que eles os honravam, acorreram a Zeus em busca de uma resposta. Perspicaz, o Pai Celeste decidiu separar cada um deles em dois para debilitá-los, para lhes podar a ousadia e, ao mesmo tempo, multiplicar seu número a fim de angariar mais devotos. *“Doravante eles caminharão eretos sobre as duas pernas”* – disse ele à assembleia dos olímpicos –, *“mas, se persistirem em sua arrogância, de novo os cortarei em dois, para que andem em uma perna só, saltando como pernetas.”*

A cada homem que Zeus fragmentava, Apolo recompunha-lhe o rosto na metade do pescoço, no sentido do corte, e sanava suas feridas. Em seguida, o deus curador esticava-lhe a pele aos puxões, de cima para baixo e de lado a lado até juntá-la à altura do ventre e, como sobrava uma pequena bolsa de pele, selava a sobra de modo a formar o que chamamos de umbigo. Depois, alisava a maior parte das rugas que sobravam e, finalmente, moldava os peitos com um escalpelo. Apesar de todos os seus labores, os deuses imortais descobriram que sua obra fracassava, pois cada parte, ao perceber sua solidão e sentir-se perdida sem a proteção daquela que lhe faltava, aventurava-se na busca de sua outra metade. Remendadas, parindo como cigarras, com os órgãos genitais na parte de trás e a cabeça na da frente, aquelas criaturas experimentaram a



solidão mais profunda. Desamparadas, se abraçavam com tamanha ansiedade que não comiam e não faziam nada mais, a fim de não se separarem. Quando uma das metades morria de tristeza ou de inanição, a remanescente procurava outra qualquer e se unia novamente, sem se importar se a nova criatura escolhida fosse homem ou aquilo que agora chamamos mulher. Os seres que triunfavam sobre a fome deixavam de se reproduzir, pois sentiam tanta saudade e angústia que apenas se abraçavam ao novo parceiro, cheios de medo; desse modo, aquela humanidade inicial começou a extinguir-se, em vez de se multiplicar.

Compadecido desse trágico antecedente do destino humano, Zeus concebeu outro plano para que, se no abraço sexual o varão se unisse a uma mulher, eles concebessem e perpetuassem sua raça; e, no caso de uma união entre machos, houvesse pelo menos fartura, que eles repousassem e voltassem sua atenção para o trabalho e para as demais coisas da existência. O que ele fez, então, foi mudar a posição da genitália masculina para a parte dianteira, determinando que por meio dela ocorresse a geração de outros seres semelhantes a si mesmos, através da união do macho com a fêmea, o que os obrigava a se movimentar e a contrair responsabilidades.

Reunificador de sua antiga natureza, o amor se fez natural entre os seres humanos e símbolo de uma equidade que não podia ser maculada nem rejeitada por nenhuma das seções, a menos que estivessem dispostas a se expor novamente ao castigo de sua extinção. Apolo ensinou-lhes a força curativa da unidade; mas, não obstante todos os esforços da laboriosa e volúvel Afrodite, os demais imortais nunca conjecturaram

sobre como encontrar a justa metade, talvez por temer a força que é alcançada por um par perfeito que, ao fundir-se em amor e piedade, suscita o desejo da virtude, reanima o provedor de heroísmo e desperta uma urgência de moralidade que permita aos homens valorizar a divindade que neles habita.

O equivocar-se quanto à contrassenha implícita à escolha de uma mulher ou de um homem tem provocado as mais profundas inquietações. As más alianças, longe de serem curativas, geram ódios e multiplicam a injustiça ancestral. Apesar de sua óbvia infecundidade, os enlaces entre homens que percebiam afinidades entre si criaram, no dizer de Platão, uma maravilhosa sensação de amizade, de intimidade e de amor que os deixava fora de si e os impedia de se separar por um instante sequer, talvez porque neles permanecia um remanescente de perturbação ou de espera angustiosa superior ao surgimento de uma luz própria que lhes permitisse vencer seu estado de prostração. Estes eram os que passavam a vida inteira em companhia mútua, consolando-se da nostalgia imemorial por seu outro eu e apegados, de certo modo, pelo temor da solidão que sentiram as unidades recém-fragmentadas que andavam como perdidas, imersas em sua confusão imperiosa, sem rumo preciso nem clara consciência de seu sentido de ser. Acometidos por uma sensação de incompletude que não sabiam como definir, jamais alcançavam o sentimento de integridade que caminha lado a lado com a grandeza, nem experimentavam a harmonia que antecede a plenitude. Com o passar do tempo, tais casais não conseguiam definir o que realmente desejavam uns dos outros,

tampouco o que buscavam dentro de si mesmos, exceto que não eram os prazeres afrodisíacos a única causa de sua complacência, mas que aspiravam ao reconhecimento da exata equidade a fim de alimentar uma ânsia de solicitude que frequentemente se desvirtuava, durante a maturidade e o envelhecimento, na perseguição insaciável a jovens, numa tentativa de assim preencher o vazio de suas almas.

Se aceitamos o mito das metades exatas, a natureza foi provida de mulher e homem dotados de idêntica inteligência sobre atributos distintos; no entanto, em vez de explorar o potencial de suas respectivas diferenças, houve tempo suficiente para que executassem por sua própria iniciativa uma obra correlata à de fragmentação empreendida pela mão do deus. O homem, por exemplo, concentrou seu interesse em alguns aspectos da realidade, enquanto as mulheres ampliaram sua perspectiva a fim de considerar, de maneira simultânea, o imediato e o necessário a partir de sua função maternal – inclinada a proteger e desenvolver a vida –, na qual fincavam seu sentido de ser.

Consultando as teorias orientais concebidas há milhares de anos, podemos crer que a feminilidade consiste em uma vigilante continuidade vital que, mesmo de maneira simbólica, na explosão dos sentidos ou nas perversões que a impulsionam a praticar o desprezo, compromete seu poder desde a fonte íntima da criação. Uma criação que era inicialmente exclusiva do poder absoluto de Deus que, ao repensar o processo reprodutivo da humanidade, compartilhou-o conosco, mulheres, a fim de que participássemos de sua essência na dupla tarefa de preservar a

espécie ao sermos fecundadas pelos homens e inspirar o movimento para o despertar racional, como claramente se exemplifica no Gênesis com a expulsão do primeiro casal do Paraíso. Esse privilégio, considerado instrumento de redenção na cultura judaico-cristã, nos permite pensar, agir e nos aperfeiçoar intuitivamente. A individualidade se fortalece, portanto, na medida em que uma mulher compreende as habilidades múltiplas de seu intelecto, sua graça equilibradora e seu afã em servir.

Nada ilustra melhor a missão feminina que a passagem da escuridão para a luz. Delineada para a reprodução, seu temperamento é dinâmico, enquanto o masculino tende a contemplar e se mover pela inspiração divina encarnada pela companheira. A nossa divindade é vigilante, legada à mulher para acentuar a natureza do ser e participar dessa forma primordial de criatividade, que é aquela própria da arte e da história. Se, por definição, a aliança heterossexual acentua a identidade mútua e consolida o despertar para a claridade, o liame homossexual, por outro lado, padece o mais terrível dos sofrimentos: o de ser enigmático.

Ser um enigma e viver como tal, conforme pensou María Zambrano, “só é próprio daquele que, sendo uno, ou pretendendo sê-lo, está aprisionado na multiplicidade e sujeito a padecer seus próprios estados”. Os deuses não sofrem dessa condição porque se bastam a si mesmos e se encontram além do princípio de contradição; isso ocorre aos seres humanos, quando, em sua ânsia de evitar padecimentos e eximir-se do imperativo da mudança ou do movimento, multiplicam o próprio eu no anelo de se aceitar, o que implica uma negação

e é a chave dos anseios de fuga que os imobiliza, justamente de maneira oposta a que buscavam seus desejos.

Poderíamos supor que o transtorno experimentado ao reacomodar as metades dispersas se converteu em caos e em uma sanção unívoca que produziu a infâmia que nutriu de vícios a humanidade. Ao fracassarem os homens em sua batalha contra os deuses, optaram pelo caminho mais simples: dominar as mulheres e, mais tarde, outros homens mais fracos mediante práticas cada vez mais abjetas, inseparáveis da ideia de pecado que sobreveio, primeiro, através de Lilith, e depois através de Eva e de toda a sua estirpe. Quanto mais primitiva a índole dos casais reunidos pelo apetite sexual, por submissão ou pelo ímpeto para a guerra, tanto maior a inclinação para a injustiça, até tipificar-se o desprezo. Tais foram os triunfos da incoerência: a injustiça e a brutalidade; em consequência, a conquista progressiva da harmonia converte-se na única coisa que nos permite ascender a partir do reconhecimento do outro que é nosso complemento. Sem o preenchimento de tal requisito, tornam-se impossíveis a tolerância e a partilha equitativa de direitos e obrigações, que em nossos dias consagram a democracia.

No eterno combate entre os atributos relativos a cada sexo, a hostilidade aumenta em consequência das contradições. Desse modo, afligidos pela obsessão de poder e não poder, os homens guerreiam das formas mais diversas e se concentram em uma única tarefa, seja prática ou racional. As mulheres, por sua vez, continuam a expressar sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada, a menos que se deixem empolgar por perversões que as desviem

de seu compromisso. Graças à sua intuição amorosa, desde tempos imemoriais governam disfarçadamente a ordem presente e futura da consciência. Com peculiaridades que, em dadas ocasiões, separam a mulher das deusas e que podem levá-la a desvirtuar sua missão de aperfeiçoamento interior, segundo o caráter de cada povo, a aprendizagem e a sedimentação de cada cultura, surgem as Heras doentes pelo ciúme de seu Zeus luxurioso, as Afrodites em busca do amor; uma Circe feiticeira, senhora de seus domínios, tão versada na arte da palavra quanto hábil em transformar homens em porcos; há também Cassandras portadoras do dom da profecia, ainda que condenadas a que nunca se acredite nelas; Atenas combativas, esposas que atacam os maridos com um machado e incorrem na síndrome de uma Clitemnestra sem recurso de salvação; Medeias matricidas, enlouquecidas pelo desamor e pelo abandono; ou Ledas ingênuas que, sentadas em seus banquinhos ao pé da lareira, são seduzidas por um cisne que as penetra depois de deslizar ao longo de seus peitos.

Por sobre a fascinante galeria das sacerdotisas, brotam os furores de Olímpias insaciáveis e cruéis intercalados no drama inaudito de Sisigambis, no declínio obscuro de uma Estatira que morre parindo e chorando, como ocorrera ao império persa ao ser conquistado por Alexandre, o Grande, e que depois se incorpora à história como vítima dos comandos inconstantes que mutilaram o porvir esperançoso de sua estirpe.

Há Jocastas trágicas, suicidas por sua dor e geradoras de uma Antígona heroica, que desafia a lei do tirano para preservar tanto a honra familiar como a lei dos deuses; há

também, disseminadas pelo mundo como sementes variegadas do universo criador, virgens imóveis e arquétipos da piedade que são veneradas por sua paciente solicitude ou, como no caso da Guadalupana, consagradas pela maternidade absoluta na misericórdia perfeita em favor dos homens. Existem donzelas emudecidas, Marias interpostas entre a espada e a cruz, amantes confinadas na paixão conventual, Heloíças radiantes que repreendem a Deus por sofrerem tão infinita crueldade, Isoldas confusas, Dalilas intrépidas, Cleópatras que oscilam entre o ímpeto redentor da pátria, o acicate da imortalidade e uma entrega amorosa tingida pelo impossível sonho imperial que, em determinadas ocasiões, as aproxima do melhor que existe em si mesmas e, em outras, as impele a ceder à tentação do abismo e a dar um ponto final a suas aspirações afundando os dedos em um cesto cheio de figos habitado pela áspide portadora da morte.

Não faltam as Hipátias insolentes por seu vigor racional nem as mulheres de nosso tempo que, em meio à grande confusão provocada pelo acúmulo de equívocos de uma humanidade que pretendeu se tornar deidade material, decidiram romper o cerco da obscuridade e finalmente se atreveram a declarar em alto e bom som que sim, nossa feminilidade é a condutora do atributo criador, o enlace entre a vida, o impulso para a morte e a esperança de redenção. Suas primeiras empresas, no entanto, absorveram aquelas características que são próprias de nossa época: apetite pela informação, avidez de conhecimentos, urgência de competir nos jogos de poder, ânsia por glória e prazer e também, às vezes, contaminação daquilo que se acreditavam liberdades

por horas de ódio social, de rupturas espirituais diante de novos domínios religiosos e de desvarios infiltrados pelo pavor da morte.

Mulheres de certa maneira quebrantadas, elas padeceram as capitulações e consequências das guerras mundiais que vieram a consolidar a desordem mediante a violência do conservadorismo e de sua contraparte natural, a transgressão. Sentiram a necessidade de buscar algo distinto, de romper as amarras que as marginalizavam das atividades da cultura mais seleta, privilégio até então dos homens e, muito especialmente durante as décadas centrais do século XX, as mais audazes provaram o sabor acre da frustração. Enquanto despontavam publicamente por meio de suas obras de vanguarda, na intimidade decaíam como se obedecessem a um estigma secreto, o mesmo anteriormente observado em relação às mênades.

Como as liberdades que vieram depois delas, e que hoje nos perturbam, aquelas não eram senão liberdades envoltas em fumaça, invariavelmente tramadas de vileza e dissolução que, por desgraça, experimentaram com maior ou menor intensidade algumas das que se consideravam grandes talentos da arte da palavra, como Djuna Barnes, Virginia Woolf, Jane Bowles ou Anaïs Nin, filhas da desesperança e do cansaço de ser, reprodutoras daquela divisão primordial que – se nas páginas que escreviam era ironizada com tamanha lucidez –, ao violentar seus destinos e não saber o que fazer com suas vidas, se voltava contra sua própria natureza até mergulhá-las em uma depressão tão atroz que, em sua inconsciência,



perderam os limites do impulso suicida, a que algumas sucumbiram.

Simone de Beauvoir chamou a atenção para os desmandos da injustiça alicerçada nas diferenças sexuais, mais e piormente praticada onde predominam os autoritarismos políticos, os credos únicos e a intolerância racial. Corajosamente, ela emitiu um grito de alerta, sacudiu a consciência das mulheres ocidentais, revelou os indícios de uma escravidão ancestral e convocou “o segundo sexo” para essa sua primeira denúncia, à maneira de um testemunho internacional, que imediatamente seria acompanhada de focos de rebeldia, movimentos libertadores, protestos contra a desigualdade feminina e demandas que enlaçaram antigas e novas lutas, seculares ou súbitas, a fim de reconquistar, dentro de um mundo totalmente entregue à turbulência, a dignidade através da qual nós, as mulheres, haveremos de recobrar o sentido do ser, se é que neste século que se inicia as gerações irão valorizar o verdadeiro significado unificador da sobrevivência em nosso planeta.

Mulheres e deusas, compartilhamos do mesmo destino entrançado com a fatalidade. Não importa quando nem como um membro de nosso sexo se subleve, sonhe ou batalhe, sempre irá se deparar com o invariável desafio da subcondição de debilidade que lhe é atribuída pelos homens, quiçá porque tenha sido tão lenta e acidentada nossa própria aceitação do compromisso que sela o poder de criar, outrora atribuído somente a Deus. Não que devamos modificar a essência moral, nem que tenhamos de reinventar aquilo que, durante milênios, foi sendo lentamente depurado como norma de

convivência familiar e social, mas se demonstra cada vez mais iminente a necessidade de recobrar a forma de alicerçar o fundamento da concórdia. Nesse sentido, não existe modéstia maior do que aceitar o valor dessa graça feminina, que é tão nossa quanto unívoca da feminilidade, e honrá-la sem soberba no pronto cumprimento de nossa missão. Uma missão regulada pela bondade, envolvida pela virtude, da mesma forma que pela grandeza e, muito especialmente, pelo amor em sua qualidade original, como um liame unificador daquilo que foi disperso e aviltado.

Se o amor anima, fortalece e impulsiona, é o pensamento que decifra seu esforço gerador. Separar o amor em humano e divino, conforme postula María Zambrano, marca a transição, sela a diferença e favorece a continuidade entre o amor como potência cósmica e o amor em sua expressão terrestre, cuja história segue as leis do ser humano e por meio de sua distinção em sexos complementares engendra a realidade quando põe em movimento a inteligência, ao passo que a energia amorosa celeste se desvela daquilo que é verdadeiramente divino, absoluto e evidente por si mesmo.

Até parece própria de um certo atavismo a preferência dos homens por substituir com falsas dominações permeadas de despotismo a criatividade feminina que provém da mítica divisão primordial; contudo, está visto que, onde impera a injustiça a partir dessa divisão de direitos por gêneros, que marginaliza as mulheres em prol dos homens, formam-se culturas propensas à baixeza e a repetir a abjeção, como claramente se observa na América Latina, na África e, naturalmente, nas teocracias muçulmanas.

Não é por acaso que, emudecidas e temerosas como nós, mexicanas, temos sobrevivido durante séculos, nesse contexto somente se destaque a sóror Juana Inés de la Cruz, um verdadeiro portento da época do vicerreinado. Até mesmo em nossos dias, há poucas mulheres que se atrevem a reconhecer seu próprio poder, que levantam seu espírito e brandem com a voz, com a pena, com suas obras e seus atos como um princípio purificador. Tal foi o imperativo inseparável do crescimento intuitivo e da razão excepcional da monja jerônima, que não somente exigiu a valorização do pensamento, mas misturou a aflição a seu processo esclarecedor e, não obstante a perseguição eclesiástica que a fez abjurar de sua indubitável conquista sobre a imobilidade, desenvolveu por si mesma uma poderosa feminilidade que se achava até então encoberta, amordaçada pela Colônia, condenada ao silêncio e, talvez, autocomplacente em sua resignação estéril.

Depois dessa sua vitória, obtida por meio de perpétua vigília, outra vez recaiu sobre as mexicanas o perigo do jugo e seu retorno a um silêncio tão tenebroso que atua, no mínimo, como elemento de retrocesso e signo de vacuidade, já que a mulher não está predestinada a ser nem a estender seu poder na escuridão. Este é o símbolo criador e a fortaleza que representa uma Juana Inés de la Cruz, que saboreou sua libertação por meio de uma renúncia aparente e que, ao prefigurar as possibilidades criativas de sua palavra, reconheceu que a nenhuma mulher, por mais excepcional que seja, é facultado salvar-se, sequer perder-se, sozinha. Resulta daí a sua atualidade e a fascinação que suscita sua vigorosa

individualidade, tão contrastante quanto complementar à personalidade da mística Teresa de Jesus.

Podará ser dito que as soberanas repetiram os vícios do poder material que se acreditava exclusivos dos homens; que, ao desencadearem sua crueldade, vão aos maiores extremos e se deixam cair em um inferno sem limites, arrastando consigo gerações inteiras em consequência de seus erros e que, como podará ser lido em alguns exemplos incluídos nesta obra, não se subtraem em absoluto dos defeitos próprios da natureza humana; mas se deve insistir no fato de que, se os seus desvios se manifestam de forma tão aberrante, isto se deve precisamente a que, ao longo dessa decadência, a mulher vem violentando a sua própria essência, e que uma mesma experiência repetida durante milhares de anos, apesar dos preconceitos e da assombrosa informação que em nossa época confunde o entendimento, afasta a intuição e nos distancia da sabedoria para a qual somos chamadas como seres pensantes.

À condição feminina não se permite nenhuma possibilidade intermediária: é-se mulher ou não; assume ou nega seu compromisso; valoriza ou desvirtua sua graça; afirma-se no movimento intrínseco à sua natureza ou cede à tentação do abismo e leva consigo o homem e todos os seres que a acompanham.

Intuitivamente, as gerações reconhecem aquela que é realmente mulher daquela que não o é. “Uma grande mulher”, reza o lugar-comum quando se percebe uma personalidade radiante ao redor da qual se respira a autoridade que prodigaliza uma feminilidade consumada no alto reconhecimento de si mesma em benefício e a serviço dos

demais. E chama-se a ela mulher talvez sem reparar na leveza vigorosa que inspira sua graça ou na elegante harmonia que, mesclada de dor e de alegria, difunde tanto o questionamento crítico de sua realidade como o saldo de esperança que anima sua certeza vital.

Se uma mulher se realiza enquanto tal por meio de seu entendimento intrínseco, empreende seu despertar e se afirma em seus atributos de misericórdia e de bondade; por outro lado, se nega e abomina a porção de divindade que lhe foi outorgada, incorre nas piores baixezas, com o agravante de que, em sua queda, arrasta tudo consigo, já que ela, por sua própria característica essencial, forma, deforma ou destrói o homem. Resulta daí a secreta consequência de um machismo que não existiria se as mães, as amantes, as esposas, as irmãs ou as amigas não inspirassem essa negação de si mesmas, quiçá por temor, por olvido de seu sentido de ser ou, o que é ainda pior, por renunciar ao alto dever de se conduzirem como instrumentos da esperança.

E foi este o propósito que busquei ao escrever *Mulheres, mitos e deusas*: participar de uma aventura em direção à própria libertação, compartilhar com vocês este relato que, ainda que breve e talvez limitador por ser pouco representativo, ao menos contribua para entender os recônditos de uma feminilidade que, sem distinção de época ou de língua, demonstra uma única experiência: quando cede à tentação da queda, a mulher manifesta o pior de sua natureza; por outro lado, ao se aceitar como expressão do divino, ascende até a claridade e completa sua missão com alegria. Aquela que entende e compartilha redobra sua

esperança de continuidade digna em um mundo que já não mais nos oferece oportunidade de erro, pois já atentamos cabalmente contra os princípios fundamentais, inclusive contra a vida.

Através do caminho da criatividade, entendi que a resignação passiva é pior do que o medo do desconhecido ou do que o autodesprezo que costuma assaltar algumas mulheres que ignoram seu próprio potencial. Assombrada ante o poder que se reconhece ao vigor feminino em certas filosofias orientais, escutei de Siri Singh Sahib que a mulher desencadeia uma verdadeira tragédia quando, ao se contemplar frente a um espelho, abre mão de sua natureza radiante em troca da aceitação das mentiras externas de uma suposta beleza que a reduziu a uma máscara ou a uma caricatura da divindade. O verdadeiramente belo da feminilidade irradia com a integridade essencial, que é própria da harmonia consigo mesma e com o universo.

No entendimento e na aceitação da própria graça enraízam-se as liberdades e o direito de exigir em resposta a cortesia e o respeito masculinos. Se qualquer uma de nós, sem distinção de cultura ou de idade, não se considera bela, competente e capaz de mover o mundo mediante seu impulso vital, sua graça se volta contra as demais e assim se torna cúmplice da dramática confusão que caracteriza nosso tempo.

*Tlalpán*

Dezembro de 1995

# DIOTIMA E O AMOR

Platão é o criador da forma filosófica do simpósio. Utilizando esse recurso do diálogo, organizou tanto a vida social de sua Academia como a interpretação de suas preocupações fundamentais, quase sempre relacionadas à sugestiva figura de Sócrates, que conduz a célebre discussão à mesa de Agaton em que Fedro, o primeiro orador de *O banquete*, empreende a tarefa de fazer o elogio de Eros, o que, depois de cerradas discussões sobre os apetites e as funções do amor desde a perspectiva de Pausânias – que distingue *eros* vil e *eros* nobre –, dará ocasião ao sofista para expor sua doutrina mediante o relato de sua suposta conversação com Diotima, uma sacerdotisa de Mantinea, real ou inventada como um recurso retórico, de quem só sabemos que celebrou um sacrifício aos deuses por meio do qual afastou a peste de Atenas durante dez anos.

A ela Sócrates atribuiu a semente de uma concepção de amor que foi transformada em corrente didática que supera o costume espartano e ateniense da pederastia ou da amizade masculina inspiradas ou sancionadas por Eros, proveniente da vida nos acampamentos guerreiros da época migratória das tribos.

Ao menos como ideal ético vinculado ao signo criador do “eu”, que só pode ser efetivamente superado ao se relacionar

com um “você”, o discurso de Diotima completa as sugestões apresentadas pelas intervenções dos demais convivas sobre a função amorosa, as quais, em seu conjunto, oferecem aspectos cambiantes e complementares daquilo que, em síntese, se reuniria no “ideal platônico”. A rica e aprazível leitura de *O banquete* permite concluir que o *eros* nasce, com efeito, do anseio metafísico do homem por uma totalidade do ser, definitivamente inexecutável à natureza do indivíduo. Tal desejo inato converte-o em simples fragmento – evocador do mito das metades exposto inicialmente por Aristófanes e descrito no Prólogo – que suspira por voltar a se unir com sua parte correspondente durante todo o tempo em que leva uma existência isolada e ao desamparo. Dessa maneira, a reunião afortunada torna-se a meta do *eros* e o instrumento mais eficaz para formar a personalidade e empreender o processo de aperfeiçoamento com o qual o homem haverá de restaurar o sentimento de plenitude harmoniosa que fora perdido ao ser quebrantado em sua unidade pelos deuses.

Platão elege o discurso idealista do jovem Agaton como fundamento para a incorporação da reflexão dialética do mestre Sócrates, caracterizado por sua busca da verdade, inseparável da beleza e, neste caso, apoiado nas sábias palavras de Diotima para finalizar satisfatoriamente sua célebre intervenção. Agaton personifica Eros como potência divina que necessita adquirir qualidades humanas; é jovem, refinado e demonstra tamanha leveza que, ao possuir todas as virtudes, torna-se o melhor dos deuses. Habita somente lugares floridos e perfumados. Seu reino é o da vontade e dele derivam a justiça, a sabedoria, a prudência e a coragem. É, além disso,



um grande poeta e ensina os outros a sê-lo. Suaviza o portentoso olímpico com a beleza perfeita e ainda ensina suas faculdades à maioria dos imortais.

A postura adotada por Sócrates é intermediária, situando Eros entre o belo e o feio, entre o imperfeito e a perfeição absoluta, entre o mortal e o imortal, entre a sabedoria e a ignorância; portanto não pode ele ser um deus, pois não participa da bem-aventurança característica das entidades celestes. Eros é antes um grande demônio ou um “furor” que age como intérprete entre os homens e os deuses. É ele que preenche o abismo entre o terrestre e o divino e mantém unido o universo. Descendente da riqueza e da pobreza, seu atributo característico é a dualidade; e pode florescer, morrer e ressuscitar em uma só jornada, já que sua índole consiste em ocupar e se espalhar. Sem saber nada, acredita saber tudo: intui, adivinha, suspeita e também desvirtua a realidade, apesar de ser, em sua essência, o condutor perfeito até a verdade.

Nesse ponto, a sábia Diotima explica a busca pela beleza como um aspecto da aspiração do homem à felicidade. O sofista se vale da recriação dessa sacerdotisa de Mantinea – única mulher a quem reconhece sapiência e, inclusive, considera sua mestra – para expor seu ideal erótico como um princípio entre a filosofia e a religião, já que, segundo recordou o sofista, era difícil para ele falar por si mesmo daquilo que não conhecia. Desse modo, refere-se à felicidade como uma ânsia inerente à natureza humana e, portanto, deve ser canalizada e modelada de maneira criativa e com toda a consciência. Para Diotima, a relação de *eros* harmoniza a

difícil situação entre o pensamento e a vida, uma vez que engloba tanto a referência como a expectativa de um bem perfeito.

Em sua insuperável obra *Paideia*, Werner Jaeger, com grande perspicácia, observou que, graças à referência de Diotima,

o *eros* se converte, de um simples caso específico de vontade, na expressão mais visível e mais convincente daquilo que constitui o ponto fundamental de toda a ética platônica, a saber: que o homem não pode nunca desejar aquilo que não considere seu bem. Segundo Platão, o fato de a linguagem, apesar de tudo, não denominar de *eros* ou *erân* toda manifestação da vontade, mas reservar esse substantivo e esse verbo para designar determinados anseios, encontra certo paralelo em outras palavras como *poiesis*, “poesia”, que, mesmo significando simplesmente “criação”, foi sendo progressivamente destinada, através do uso, para designar apenas um determinado tipo de atividade criadora.

Não só por sua revolucionária originalidade, mas pelo fato inusitado dessa interpretação ter sido atribuída a uma mulher singular, consideramos importante transcrever um fragmento daquele discurso que, perante este breve desfile que mostra a situação da mulher no mundo em diferentes épocas e concepções, nos permite completar uma ideia da feminilidade como sendo inseparável do princípio criador de *eros* que, em nossa época de tribulação, recobra uma vigorosa atualidade se considerarmos que, somente mediante uma profunda modificação da consciência do bem e de nossa missão unificadora no mundo, nós, mulheres, podemos participar da reconquista indispensável da harmonia entre o pensamento, a

vida e o sentido purificador da arte como caminho a ser trilhado na busca da verdade e do belo.

[...] pois bem, se tens a convicção de que o amor, por natureza, versa sobre aquilo com que concordamos tantas vezes, não te espantes. Neste caso, pela mesma razão, a natureza mortal busca, dentro do possível, existir sempre e tornar-se imortal; e somente pode consegui-lo por meio da procriação, pois deixa sempre um novo ser no lugar do velho. Mas nem sequer durante esse período, no qual se diz que vive cada um dos viventes, e que é idêntico a si mesmo, o ser humano reúne sempre as mesmas qualidades; assim, por exemplo, diz-se que um indivíduo, desde sua primeira infância até a velhice, é a mesma pessoa. Porém, embora se diga que é a mesma pessoa, esse indivíduo jamais reúne as mesmas coisas dentro de si mesmo, senão que está permanentemente se renovando em aparência e, ao mesmo tempo, se destruindo, em seu cabelo, em sua carne, em seus ossos, em seu sangue e na totalidade de seu corpo. E isto não ocorre somente no corpo, mas também na alma, cujos hábitos, costumes, opiniões, desejos, prazeres, sofrimentos e temores, todas e cada uma dessas coisas, jamais permanecem as mesmas em cada um dos indivíduos, senão que umas nascem e outras perecem. Mas ainda muito mais estranho do que isto é o fato de os conhecimentos não somente nascerem de uma forma e perecerem de outra dentro de nós – de tal sorte que não somos idênticos a nós mesmos nem sequer nos conhecimentos que adquirimos –, mas sim que também acontece o mesmo a cada um deles. Com efeito, o que se chama “rever” só ocorre porque um determinado conhecimento pode nos abandonar, pois o esquecimento é o espaço de um conhecimento, e a revisão, ao criar dentro de nós uma nova lembrança em troca daquela que perdemos, conserva o conhecimento, de modo que pareça ser o mesmo de antes.

É dessa forma que se conserva todo o mortal, não por ser completamente e sempre idêntico a si mesmo, como ocorre com os seres divinos, mas pelo fato de que o ser que se foi ou que envelheceu deixa após si um outro ser novo, similar àquilo que ele era. Por esse meio, Sócrates, o mortal participa da imortalidade, tanto em seu corpo como em tudo o mais; o imortal, por sua vez, participa da imortalidade por um outro processo bastante diferente. Não te admires, pois, se todo ser preza, por natureza, aquilo que é um renovo de si mesmo, porque é a imortalidade a razão pela qual todo ser é acompanhado por essa solicitude e por esse amor.

Tome por certo, Sócrates, que assim é se desejas lançar um olhar sobre a ambição dos homens, a não ser que tenhas em mente uma ideia daquilo que te disse, ficarias assombrado de sua insensatez ao pensar em que terrível estado os lança o amor para se tornarem célebres e deixarem no futuro uma fama imortal. Para alcançar esse objetivo estão dispostos a correr todos os perigos, mais ainda do que o fariam por seus filhos, a gastar dinheiro, a suportar qualquer fadiga e a sacrificar a própria vida. Pois então acreditas que Alceste se deixaria morrer por causa de Admeto, ou Aquiles para vingar Pátroclo, ou mesmo vosso Codro para salvaguardar a dignidade real de seus filhos, se não estivessem convencidos de que permaneceria após eles essa recordação imortal de suas virtudes, tal como as celebramos agora? Nem mesmo pela hipótese mais remota. É para imortalizar sua virtude, segundo creio, e para conseguir tal renome, que todos concentram seus esforços, e com tão maior afinco quanto melhores forem, porque aquilo que mais amam é justamente o perdurável.

Assim, pois, os que são fecundos no corpo se dirigem especialmente às mulheres, sendo esta a maneira pela qual se manifestam suas inclinações amorosas, porque, segundo creem, garantem para si, através da procriação de filhos, imortalidade, memória de si mesmos e felicidade para todo o tempo futuro. Por outro lado, existem aqueles que são fecundos na alma... pois existem homens que

concebem nas almas, mais ainda que nos corpos, aquilo que pertence à alma conceber e dar à luz. E o que é que lhe pertence? A sabedoria moral e as demais virtudes, aquelas de que são progenitores precisamente todos os poetas e todos os artifices de quem se diz que são inventores. Todavia, a maior e mais bela forma de sabedoria moral é, de longe, o ordenamento das cidades e das comunidades, cujo nome é moderação e justiça. Assim, quando alguém se encontra prenhe dessas virtudes em sua alma desde menino, inspirado como se está pela divindade, ao chegar à idade conveniente deseja parir e procriar, e também ele, segundo creio, se dedica a buscar em torno de si a beleza por meio da qual possa engendrar, pois na feiura jamais o fará. Sente, desse modo, maior apego aos corpos belos do que aos feios, em razão mesma de seu estado de prenhez; e quando neles encontra também uma alma bela, nobre e bem-dotada, mostra extraordinária afeição pelo conjunto e prontamente encontra ante esse ser humano uma profusão de razões a propósito da virtude e de como deve ser o homem bom, as coisas a que deve se aplicar e, desse modo, buscará educá-lo. E é por ter, segundo creio, contato e trato com o belo, que ilumina e dá vida ao que havia concebido anteriormente; a seu lado ou separado dele, recorda-se sempre desse ser, e com sua ajuda cria em comum o fruto de sua procriação, de tal modo que aqueles que experimentam entre si tal condição formam uma comunidade muito maior do que a dos filhos, e têm um afeto muito mais firme, já que geraram em comum filhos mais belos e mais imortais. E mais, todo homem preferiria ter filhos de tal índole a tê-los humanos, se dirige seu olhar a Homero, a Hesíodo e a todos os demais grandes poetas e contempla com inveja a descendência que deixaram de si mesmos, que lhes garante memória e fama imortal uma vez que essa descendência também é famosa ou imortal. Ou se quiseres – acrescentou ela – poderão ter filhos iguais àqueles que deixou Licurgo na Lacedemônia, que se tornaram salvadores da Lacedemônia e, por assim dizer, de toda a Hélade. Também entre vós Sólon é honrado por ter dado vida às leis,

do mesmo modo que muitos outros homens o são em outras partes, tanto entre os gregos como no meio dos bárbaros, por haverem realizado muitas e belas obras e gerado virtudes de todos os gêneros. Em honra a tais homens, e por haverem tido tais filhos, já são muitos os cultos instituídos; por outro lado, até hoje não se presta culto e homenagem a ninguém por ter tido apenas filhos humanos. Esses são os mistérios do amor, Sócrates, mistérios nos quais inclusive tu poderias ser iniciado. [...]¹

Como dissera Aristófanes, o amor não se projeta somente em direção à outra metade de nosso ser, tampouco sobre sua totalidade, a menos que por tal se entenda o bom e o perfeito. E se Diotima nos proporcionou o instrumento para interpretar um anseio inerente ao bem, graças à posterior *Ética Nicomaqueia*, de Aristóteles, podemos inferir que o amor, apanágio unívoco da condição feminina, é a forma mais acabada de perfeição moral e, portanto, um impulso de cultura, no mais profundo sentido dessa palavra.

# As origens

Longe de ser perfeito, como nas passagens que lemos no Gênesis, o princípio criador entre os gregos não proveio de uma ideia de eternidade nem do sopro vital de um deus todo-poderoso que extrai a luz do caos e com ela empreende o resto de sua obra, até coroar com a criação do homem as transformações dos céus e do mundo natural. Em seu primeiro dia, segundo a narrativa bíblica, Deus fez a luz, ainda que não houvesse nada para ser iluminado. O universo era um caos informe e, sobre a face do abismo, reinava a noite. “Haja luz”, disse Ele, e a luz existiu. Então, o Deus judeu-cristão chamou à luz dia e às trevas denominou noite. Passou-se uma tarde, passou-se uma manhã e, ao escurecer, separou as águas das águas e criou uma abóbada intermediária, que foi a abóbada celeste. No segundo dia, ordenou que as águas se juntassem por baixo do céu e fez aparecer os continentes. Chamou de mar a massa líquida e de terra os continentes. Reverdeceu a terra a fim de que gerasse as sementes segundo suas espécies e as árvores frutíferas. No terceiro dia, Deus criou dois luminares no céu, regentes da noite e das estrelas, para marcar os ciclos do dia e da escuridão e para assinalar as festas e a contagem dos anos e dos dias. No quarto dia, criou os animais. A água conheceu a flutuação da vida; a terra, o andar e o movimento e, um pouco mais além, sob o teto dos céus,



surgiram as aves fundadoras da dinâmica do voo. “Crescei e multiplicai-vos” – ordenou-lhes. “Enchei as águas do mar; e que as aves se reproduzam sobre a terra.” No dia seguinte, deu prosseguimento à sua obra criando as feras da terra, os animais domésticos e abundantes répteis, também separados por espécies. “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” – disse ao final de tudo. “Que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todos os répteis.” Criou macho e fêmea, deu-lhes sua bênção e exclamou: “Olhai, eis que vos ofereço as ervas que dão sementes sobre a face da terra; e as árvores frutíferas que geram semente vos servirão de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu, aos répteis – a todo ser vivente – a erva verde lhes servirá de alimento”.

Ao ver sua obra consumada ao sexto dia, Deus deixou transcorrer mais uma tarde e mais uma manhã. Outra vez, na escuridão do silêncio, revisou como ficaram concluídos os céus e a terra e suas multidões de vegetais, de animais e de gente. Então, consagrando o sétimo dia, descansou Deus de sua tarefa. A dinâmica do mundo adquiriu seu próprio ritmo e se estabeleceram para sempre os ciclos da vida e da morte.

Os antigos gregos não compartilharam dessa ideia da criação. Sua concepção de ordem surgiu com o silêncio desde o abismo primordial, fonte do movimento e da vida. Segundo Hesíodo, do Caos nasceram Érebo e a negra Nix, a Noite; e da Noite surgiram Éter e Hemera, frutos de seus amores com Érebo. Ainda que fosse mãe da Luz, Nix não gerou deuses de luz nem de justiça, pois estes provieram de Gaia, a Terra, mãe, como ela, de monstros e de homens. De seio farto, Gaia serviu

de sólida matriz para mortais e imortais, até que Eros fosse incubado pela Noite no ovo primordial. Foi assim que o amor se enraizou nas trevas e, por meio dele, a escuridão adquiriu a capacidade da união fecundante. Assim também foram engendradas as sementes imortais, a matéria que compõe os deuses e seu reino olímpico.

Complexa como é, essa cosmogonia mediterrânea não eleva a Noite à categoria de deusa, tampouco considera a primeira geração de entidades como provinda de atos supremos de vontade. O ser animado nasceu do próprio Caos. Nix é o princípio, o impulso criador, como o inferno, a terra e o céu. E como cada um desses, criou sua própria descendência, não à maneira do Gênesis, mas por uma lógica de fecundidade secreta, por obra da potência multiforme.

Os protogregos eram tribos arianas vindas do norte que se instalaram às margens do Mediterrâneo. Traziam consigo antigas crenças e não se sabe onde começou o mistério que durante séculos cultivaram sobre a origem das coisas. Finalmente assentados em cidades, organizaram seus mitos e seus cultos; mas não seria senão no fim do século VIII e na primeira metade do século VII anteriores à nossa era que, com o advento da escrita, Hesíodo produziria uma genealogia da criação. Nessa obra, junto com outras potências estritamente míticas, a Noite se destaca como depositária de um saber elemental, aparentemente constituído para recordar as limitações de nossa condição humana. Tanto Melésio como Lamisco, o Sábio, afirmaram que aquilo que foi produzido no princípio existe agora e existirá no futuro, como a terra, o céu e a Noite; o bem e o mal; a dúvida que sobrevém à

obscuridade e a lucidez que lhe faz o contraste. Por essa razão a Noite é uma referência essencial no decurso do ser, pois é ela que torna possível que tudo apareça e possa ser distinguido através da claridade.

A maioria da progênie noturna é composta por abstrações, símbolos terríveis que nos intimidam talvez para ordenar os ciclos da vida e da morte. Tal como a linhagem da Terra, Nix foi pródiga em sua fecundidade de criaturas do bem e do mal. Em sua *Teogonia*, Hesíodo afirma que são seus filhos: Moiro, de quem pouco se ocupou a mitologia; a negra Kera e Tânatos, todos os três vinculados à morte. Também pariu Hipno e deu à luz a tribo dos Sonhos. Depois, sem deitar-se com ninguém, pariu Momo, o doloroso lamento, e as Hespérides, aos cuidados de quem foram entregues as famosas maçãs de ouro, que Hera recebeu por ocasião de seus esponsais com Zeus.

A Noite engendrou ainda as Moiras, provedoras do bem e do mal, a quem os mortais chamaram Cloto, Láquesis e Átropos; e as Keres, vingadoras impiedosas que, em sua cólera sagrada, perseguem sem cessar os mortais e mesmo os imortais que cometeram delitos, a fim de infligir-lhes castigos exemplares.

Finalmente, a funesta Noite pariu Nênese [a Vingança], açoite de todos os mortais, e encerrou sua descendência dando à luz o Engano, as Paixões, a terrível Velhice e, logo depois, a violenta Éris [a Discórdia] que, por sua vez, seria mãe do Esquecimento, da Fadiga, da Fome, das Dores que provocam o pranto, das Batalhas, dos Assassinatos, dos Massacres de seres humanos, bem como das Brigas, das Falsidades, dos Discursos, das Ambiguidades, das Leis Injustas, da Ofuscação,

dos Amigos Íntimos, das Cumplicidades e de Orco, aquele que maiores desgraças causa aos mortais quando alguém comete perjúrio de forma voluntária.

É à Noite que se refere a primeira lição moral sobre a qual se fundamentaria nossa civilização contemporânea. A ela também corresponde o desafio da razão criadora, associado por Platão ao célebre Mito da Caverna; e através dos avatares de sua ampla descendência compreendemos que, para os gregos, era o belo que interessava acima de tudo. Sua intenção estética explica o sentido de espaço que atribuíram ao Caos, um espaço amoldável, disposto à dinâmica da ordem e, em caso algum, condenado a ser desfigurado.

Segundo Aristófanes, quando a Terra, o Ar e o Céu ainda não existiam, a Noite engendrou um ovo no seio infinito de Érebo, e foi desse ovo que saiu Eros, o Amor, ou mais exatamente o princípio de atração que permitirá às criaturas juntarem-se entre si para crescer, se multiplicar e participar da luz e da beleza. Somente esta referência já dotaria de divindade a potência noturna, já que, saído do ovo primordial, Eros se uniu de noite ao Caos alado no vasto Tártaro e fez nascer a raça dos pássaros, a primeira das espécies viventes que vieram a aparecer. Desse modo, antes mesmo que o Amor unisse todos os elementos, e ainda antes que existissem os imortais, as aves povoaram o universo, talvez para acentuar a importância do voo, a liberdade na qual se resume a sua condição.

Muito bonito, se é que existe, esse vínculo noturno de Eros com os pássaros contrasta com a estirpe tenebrosa dos açoites que afligem a todos os mortais. A Noite pariu o Destino, mas

também trouxe à luz o Sono e os Sonhos. Avó das Dores, teve por filha a Rivalidade, ainda que já estivesse o Amor no mundo para enobrecer os trabalhos de suas irmãs nefastas. Sem Nix, a luz careceria de sentido, e o símbolo solar de Apolo jamais reinaria ao lado da esperança. É das trevas que surgem os prenúncios da leveza e da realidade. Atrás dela caminha a luz prometedora que chega depois de uma angustiante espera. A escuridão inflige um gemido, mas também antecipa a nova ordem de deuses, semideuses, heróis e homens portadores de uma transparência que opõe a Tânatos [ou à Morte] a fascinação da aurora.

# LILITH

Um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós-bíblico a partir da mitologia da antiga Suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta fragilidade de Eva.

Sabemos pouco, muito pouco do que poderia ser considerado o antecedente mítico de um feminismo condenado desde o princípio, demonizado por pretender certa satisfação sexual e marcado por idêntico desprezo na Babilônia, nas tábuas da lei dos hebreus ou na tradição legendária que alcança a Cabala e o Hermetismo da Idade Média. Alguns descrevem Lilith como um ser alado e de cabelos longos, bastante semelhante à representação dos

querubins; outros a apresentam com caninos ferozes e lhe dão por marido o demônio Sama'el. Chamam-na Rainha do Mundo Inferior por suas aspirações pecaminosas ou esvaziam seus atos reivindicatórios, considerando-a instigadora dos amores ilícitos. O cabalista do século XIII Yitshaq ha-Cohen e seus sucessores separam-na em duas: Lilith, a Velha, esposa de Sama'el, e a Jovem Lilith, unida a Asmodeos, outro dos principais demônios, também conhecido como Ashmed'ai; tampouco faltam associações com os vampiros que se alimentam de sangue para reviver, no reino das trevas, o seu poderio.

Seja qual for a origem dessa imagem, o resultado é o mesmo em quase todas as culturas que reconhecem nas mulheres uma potência sexual de periculosidade inequívoca, sobretudo no momento em que as tribos transitaram para o estabelecimento de um patriarcado que, para se legitimar, tinha de desqualificar a autoridade feminina, considerando-a, no mínimo, a perturbadora do leito conjugal. Lilith ensina que, antes mesmo que Eva reconhecesse a beleza do corpo, a mulher já estava preparada para assumir seu erotismo com o mesmo vigor com que impunha sua presença em um mundo totalmente submetido aos ditames divinos. Tal mundo era assinalado pelo poder de criar, característico das mulheres. Disso decorre que, ao serem estabelecidas as primeiras leis humanas, à imagem e semelhança de Deus, Lilith tinha de ser censurada a fim de ceder seu simbolismo fundador a uma Eva nascida da costela de Adão, inferior por sua fragilidade, ainda que igualmente responsável pela perda da inocência humana.

Em geral, as versões coincidem com o registrado no século XVII no *Alfabeto de Ben Sira*, cujos comentários bíblicos aludem à disputa pela igualdade entre Lilith e Adão, que culminaria com a expulsão do Jardim do Éden evocada no livro do Gênesis. Ao criar Adão, Deus também extraiu a mulher do barro para que o homem não ficasse solitário sobre a Terra; e a chamou *Lilith*, que, na língua suméria, corresponde a “alento” [o sopro divino]. Porém, assim que os dois se juntaram, começaram a discutir, pois ela se opunha a permanecer por baixo do homem durante o ato da cópula. Aferrada à sua convicção de igualdade, Lilith exigiu de Adão que modificasse sua postura para que ela também desfrutasse o prazer do amor. Indignado, Adão se negou, alegando que era próprio do homem deitar-se sobre a mulher e afirmando que não acederia a seus desejos. Ferida em seu orgulho, Lilith pronunciou o inefável nome de Deus e, enfurecida pela atitude do marido, abandonou-o para sempre.

“Nós dois somos iguais” – disse-lhe Lilith antes de iniciar sua carreira endemoninhada –, “uma vez que saímos do mesmo barro.” Não obteve justiça nem foi atendida por Adão em suas necessidades, motivo pelo qual dessa disputa se originou a primeira cisão do laço matrimonial e as consequentes vinganças mútuas que acabaram por produzir crimes de sangue. Adão queixou-se a Deus, e, para satisfazer as demandas de seu servo, a divindade enviou três anjos à Terra, para trazer Lilith de volta ao lar, com a ameaça de que, caso não concordasse, mandaria matar cem de seus filhos a cada dia.



Os mensageiros Sennoi, Sansanui e Samangaluf saíram em sua busca pelas planícies, montanhas e rios até que acabaram por encontrá-la no Mar Vermelho. Ali imploraram a Lilith que concordasse em regressar, que se submetesse aos caprichos de Adão e, com sua obediência, evitasse a cólera de Seu Criador. Como ela persistisse em se opor, os anjos advertiram-na de que recairia de forma inevitável o castigo supremo sobre ela e sobre seus filhos. Humilhada no mais profundo de seu ser, Lilith, ou a primeira Eva – como a chamariam indistintamente os intérpretes da Bíblia –, jurou vingança fazendo o mesmo a todos os recém-nascidos que encontrasse em sua passagem. Se fossem meninos, podia degolá-los desde o momento de seu nascimento até o oitavo dia, contingência coincidente com a data determinada para a cerimônia da circuncisão. No que se refere às meninas, sua ameaça de morte se prolongava até o vigésimo dia após seu nascimento, o que sugere uma alusão a algum ritual semelhante ou equivalente às múltiplas formas de mutilação feminina ainda praticadas nas comunidades muçulmanas até hoje. Seu juramento, contudo, deixou em aberto uma esperança de salvação, pois prometeu não destruir as criaturas que portassem um amuleto com os nomes dos três anjos, cuja proteção se estenderia também às mulheres grávidas durante o parto.

A ideia de uma mulher boa e outra má, encarnadas por Eva e Lilith, permaneceu até nossos dias, embora recaia também sobre Eva a maldição atribuída a seu pecado de orgulho. E é esse orgulho que congrega todas as superstições vinculadas à sedução feminina e que, através dos mitos, se manifesta a partir do simples desejo de igualdade até os encantamentos da

feiticeira que persuade a vontade dos homens por meio de procedimentos ilícitos.

A imagem do demônio noturno que desliza para o leito daquele que dorme incauto é, entretanto, a preferida das religiões modernas. O exemplo de uma instigadora inclinada para o mal é o que melhor expressa os preconceitos que predominaram em relação à função perturbadora das mulheres, eternas responsáveis pelo pecado original que levou os homens a perderem a sua pureza, a se envergonharem do próprio corpo e a atentar contra os ditames divinos ao aspirarem à imortalidade.

Refundida com sua pretensão de igualdade, diz-se que Lilith habita as profundezas dos oceanos desde tempos imemoriais e que ali é mantida pelos guardiões supremos por meio de reiteradas censuras, a fim de que não volte a perturbar a vida dos homens e de outras mulheres. Todavia, sua sombra ressurgue de tempos em tempos, quando o clamor pela reciprocidade se infiltra na discussão de direitos e de liberdades e cada vez que uma mulher descobre o significado mais recôndito de sua criatividade.

Lilith, porém, não é somente a abandonada, sem leito próprio, que viaja pelo mundo em busca de vingança com as mãos tingidas de sangue jovem; também representa a mulher suplantada por outra que lhe é inferior e submissa, pela simples costela do homem dominador, pela esposa que renuncia a seu próprio erotismo em troca da segurança conjugal. A mão de Lilith é percebida nas brigas matrimoniais, nos desejos insatisfeitos, na separação dos casais, na

emancipação frustrada e nos castigos que recaem sobre as mulheres que desafiam as normas sociais.

Eterna inconformada, sua discrepância essencial a vincula ao demônio, à inadaptação e ao rancor. É por isso que se encontra ali, atirada ao abismo, desaparecida nas profundezas do oceano, atormentada por seus desejos; firme, porém, em sua vontade superior e sempre à margem de regras que não aceita nem consegue modificar. Lilith segue carregando a marca de sua perversão libidinosa, condenada a gerar criaturas demoníacas, seres fantásticos, noturnos como são ela e seus sonhos destratados. Sempre renovada e infatigável, Lilith se aloja em cada mulher que imagina ser possível a verdadeira equidade, em cada mulher que perturba os sonhos e devaneios dos homens, naquela que menciona o inefável nome de Deus não para acatar seus desígnios, mas para salientar o alento transformador de sua própria criatividade.

Lilith é, por tudo isso, a paixão da noite, a criatura mais temida e o anjo que vaga com a esperança de restaurar a ordem transtornada, apesar de toda dor e de todo esquecimento.

A uma herança ancestral de mulheres batalhadoras, sensuais e de sugestiva fecundidade, que antecipava na mitologia remota uma esperança libertadora, a tradição religiosa de nossa era agregou – e reforçou – a personalidade culpada de uma Eva que, em sua irreflexão, é levada pelo diabo a pecar. Uma Eva que, ao comer do fruto da árvore da sabedoria, seduz Adão e desencadeia o processo que culmina com a expulsão do casal do Paraíso, marcando o princípio de uma condição caracterizada pela dor, pelo trabalho e pela morte para toda a humanidade.

A dor, esse castigo que aflige a consciência humana desde que a Deusa deixa de ser deusa para se converter em filha e esposa de Adão, prossegue com a sensação de vergonha que sofrem os dois por se haverem apartado de Deus e provocado a queda em consequência de seu descobrimento de *eros*, ou seja, de seu desejo de governar a própria sexualidade. A mulher, desde então, arrasta consigo o tríplice preconceito de haver cedido ao chamado do diabo; de se atrever a incitar ao pecado não a qualquer homem, porém ao mais inocente e puro de todos – àquele que, havendo resistido ao poder da serpente maligna, é seduzido, por sua própria inclinação, a sucumbir ante a imagem perfeita de seu Criador –; e, finalmente, de ser a culpada pela perda do Paraíso. Uma

imagem controvertida, é verdade, pois, apesar de tudo, na presumida debilidade implícita de Eva caminha a liberdade de tomar suas próprias decisões. É ela, em seu renascimento como a primeira mulher representativa, quem explora uma experiência espiritual vivificante e profana, mas autenticamente sua. É Eva também que carrega a peculiaridade de dispor de um caráter pensante que, mesmo predisposto ao emprego de artimanhas e com poder suficiente para escolher por sua própria força moral, desobedece a ordenação divina e assume o direito de viver entre o bem e o mal, entre o risco de se equivocar e o de refletir com uma emancipação geradora da nova ordem e do porvir humano dentro de sua plenitude racional.

Segundo o mito do Gênesis, Adão é a prefiguração da excelência. Sua vontade triunfa sobre o Maligno porque, sendo mais temeroso do que Eva, não se atreve a atacá-lo; de antemão reconhece sua inferioridade e não transgride as leis. Sua soberba surge com a sedução da mulher. Diante da firmeza feminina demonstra-se uma vítima fácil, talvez porque o demônio reconhece na queda da deusa que assume sua humanidade uma característica semelhante à de sua própria condição, aquela mesma que levou a ele, que fora um anjo postado à destra do Pai, a invejar a onipotência infinita e, ao chegar o seu momento, encarnar o mal absoluto através de sua rebelião.

Em um dos mitos mais complexos e duradouros, o da fundação da espécie, se enredam os elementos da relação conjugal a partir daquilo que Santo Agostinho qualificou de vaidade feminina, a porção realmente instável no

entendimento de sua suprema responsabilidade; ou seja, aquela expressada pela soberba que é, desde sempre, o mais abominável de todos os pecados, segundo os dogmas modernos. Santo Agostinho se refere ao amor segundo seu próprio poder, ao orgulho característico do anjo que persuade Eva de que, comendo o fruto proibido, adquirirá uma divindade semelhante à de seu belo corpo e, com ela, o poder de converter em reis do mundo a si mesma e a seu esposo.

Se nos ativéssemos à mensagem dogmática, estaríamos diante da definição feminina da luta pelo poder absoluto. Trata-se de uma ânsia de domínio muito complicada, que surge da curiosidade do ser criado pela perfeita criação do Criador, já que Deus moldou Adão do barro e o animou com seu sopro divino, enquanto Eva foi formada de uma das costelas de Adão. Isso pressupõe uma inteligência feminina engendrada de carne e osso, impossível de se manifestar no barro primordial, embora a carga de virtude plena se concentrasse na modéstia natural masculina, em tudo satisfeita com os dons que lhe foram prodigalizados no Éden.

Até parece que, desde suas origens, a mulher fosse incapaz de suportar a felicidade completa, de ser outra coisa que não filha e esposa do homem, do Deus Pai, e o centro da dinâmica do pecado e de sua redenção. Por sua tendência a rebelar-se por meio da sensualidade, a maioria dos teólogos ainda associou a ela a cobiça, leia-se também a preexistência do impulso para a mudança, essa necessidade tipicamente humana da esperança que nos leva a supor que existe algo mais, diferente e melhor do que conhecemos e que, talvez, obtenhamos à guisa de recompensa por revelar um mistério:

neste caso, o mistério da árvore do bem e do mal, que foi plantada por Deus no Paraíso sabendo Ele muito bem que, mais cedo ou mais tarde, suas criaturas provariam de seu fruto e que, uma vez condenadas ao trabalho com esforço, participariam do desenvolvimento do mundo parindo entre dores e redimidas pelo prazer; portanto novamente legitimadas em intervalos de grandeza e de declínio, de razão e de irracionalidade.

Sujeita a maiores interpretações do que as suscitadas pela figura mais passiva de Adão, Eva inspira as duas posturas opostas do raciocínio: em uma, comum entre teólogos antigos e modernos, é atraída pela serpente porque carece de força moral e somente obedece aos ditames de sua sensualidade; na outra, adotada pelo feminismo psicanalítico, Eva é a deusa ante a morte de Deus na consciência humana. Deixou-se seduzir pelo demônio precisamente porque contava com um raciocínio eletivo superior ao do companheiro, ainda que, nas religiões contemporâneas, seu mérito seja substituído por uma deidade masculina e única – o Deus Pai –, aquele que cria e que age por si mesmo.

É provável que o impulso pela mudança proviesse de sua consciência primordial de fecundidade, já que a mulher fora talhada para isso desde o início, ou seja, para criar ou gerar vida, o que equivale a existir para o movimento e, como se sabe, a condição de uma atividade civilizadora é a mudança de um estado para outro, fato que, de todas as maneiras, explica a existência de seu espírito transgressor.

Desde o ponto de vista do Gênesis, do Novo Testamento, do Talmude, do Alcorão, do hadith e da mariologia<sup>1</sup>, a mulher

é a menos racional, a mais profana do casal e a culpada pela queda da humanidade. Responsável pelo pecado original e herdeira do poderoso caráter das deusas pagãs, inspira uma doutrina que somente adquire sentido por meio da expiação purificadora. Eva, além disso, é a portadora do signo perverso da palavra, já que tudo indica que a serpente falava e que a linguagem resultou de uma conspiração entre o réptil com cabeça e língua masculinas e a sedutora criada para ser a ajudante e serva dos desígnios de Deus por meio do homem. Sua sexualidade é a preocupação essencial da tradição ocidental, da qual se desprende o preconceito em relação à feminilidade perversa que estigmatizou as fraquezas masculinas provocadas pelas mulheres.

Deusa edênica, a costela de Adão não ignorou o símbolo fálico da serpente nem se apartou dos encantamentos característicos da sensualidade profana. Eva diabólica, ao ingerir o fruto proibido seduz ao pai-amante porque está imbuída dos poderes malignos; esposa de Adão, reconhece nos regalos sensuais o doloroso preço do prazer, mas também a piedade e a comunhão humana e redentora que a reconcilia com a esperança, base inequívoca da criação; deusa-mãe, é a criada criadora, consciente de sua fertilidade sucessiva e inclinada à compreensão de outras debilidades pelas quais há de continuar sua batalha paradisiaca entre o infinito absoluto e a mortalidade cambiante, entre a irracionalidade da inocência perfeita e a racionalidade responsável, sempre dinâmica e libertadora apesar do temor da queda. Restauradora, Eva engendra a vida e suas leis ordenadoras, quiçá como reação a fim de moderar seu próprio poder, talvez como a forma



exigida pelo ser humano para harmonizar a lembrança do que foi perdido, a realidade que se sofre “com o suor do rosto” e o desejo de restauração da excelência imutável protagonizada por um Adão idílico que surge, floresce e se esfuma em sua evidente infecundidade.

A história de Eva é, afinal de contas, a história de uma ideia que representa a vida e o mundo. É também a referência iluminadora da palavra, semente das ideologias mais sugestivas e instrumento dual entre a luz e a escuridão. Desejo e remorso, gozo carnal, imaginação fundadora e força libertadora: ela é a mulher, a deusa, a mãe e a amante, a abnegada parideira de homens que atravessa os séculos trazendo o símbolo da queda; mas trazendo também a consciência eletiva de quem se atreveu a desvelar o mistério mais elevado: o da sabedoria que estava entranhada na árvore proibida, imaginado por Deus para que os homens sonhassem com sua própria divindade, mesmo a preço de aniquilar sua suposta semelhança com o Criador.

Eva é, em síntese, o talento culpado que se arrepende de sua escolha racional, um pensamento gerador de contradições e a primeira tentativa de enriquecer o gozo herdado com o sonho da divindade, consumada no ato da criação.

Com a humanização de Eva, o mundo realizou a etapa da morte de Deus e o renascimento racional por meio da paixão e do esquecimento. Eva está encarnada em cada mulher que pensa. Eva renasce naquela que, por seu talento criador, repete os ciclos da queda, da culpabilidade castigada e da restauração da ordem de uma fecundidade que não pode ser detida.

# ÍSIS

De permeio à noite dos tempos, mais além do alcance da memória e do esplendor construtivo de templos piramidais, os egípcios fundaram uma crença a partir da ideia da morte e da vida que se encontra mais além da vida. Sagrada e eterna, aquela visão universal dos defuntos dominou o pensamento mítico de um povo que soube olhar para o Nilo e nele contemplar o primeiro palpitar do pensamento. Sob a dupla figura da ordem delimitada por ciclos de luz e de escuridão, inundação e seca ou matéria e espírito, identificaram a existência de um equilíbrio permanente entre a flutuação e o abismo e, a partir dessas ideias, derivaram um conceito de Estado e de cultos regidos por reis-sacerdotes cuja autoridade absoluta, concebida em função das necessidades da agricultura, só prestava tributo às forças naturais e, muito especialmente, às deusas-mães. Brota daí a fonte da transmissão do cetro faraônico pela linha feminina e a fidelidade a uma ideia religiosa da família que, durante milhares de anos e centenas de governantes distribuídos em dezenas de dinastias, reproduziu o modelo fundado pelos irmãos Ísis e Osíris, pais de Hórus, cujo mito demonstra a proeminência assumida pelo deus masculino sobre a deusa fecunda.

A origem do panteão egípcio é uma das mais obscuras, porém invariavelmente está ligada ao símbolo da luz, ou Rá, consagrado desde sempre como o princípio regente e criador. Longe de apagar sua memória, o tempo deu origem a uma vasta família de deuses que, desde os dias em que somente existia o oceano, de cujo ovo proveio o Sol, cresceram e multiplicaram seus atributos a fim de prover de divindades não somente o curso dos negócios humanos, mas as concepções mais complexas do Além, sintetizadas pelo espírito viajante do Bá.<sup>1</sup>

Solar em todos os seus aspectos, até em seu complemento, a treva, essa civilização cresce em torno de um conceito rigoroso da família que marca o poder com a imagem de rivalidades irmãs que lutam entre si até a morte, como o fizeram também os faraós até a queda final da dinastia ptolemaica às mãos dos romanos. Os gregos tomaram de empréstimo aos egípcios os elementos fundamentais de seus mitos, e foi neles que se inspirou a vertente dos mistérios na qual se abeberaram numerosos credos. Ísis em especial, inclusive até nossos dias, permaneceu como uma sombra benéfica na auscultação do saber, talvez por seus dons esotéricos, por sua zelosa missão de manter a legalidade e por seu afã protetor dos iniciados que perscrutam as raízes profundas das evoluções humanas.

Únicos detentores da verdade, guardiões secretos das escrituras e das mudanças espirituais, os sacerdotes do Nilo ensinavam que, no princípio de tudo, o Sol gerou por si mesmo Geb, Shu, Tefnut e Nut, e que ao se derramar sobre os três primeiros fez com que eles erguessem os braços e

elevassem sua irmã Nut até o céu para que ela empreendesse sua jornada de transmutações criativas. Geb foi a Terra que se estendeu sem demora acima do nível das águas para prodigalizar sua semente. Enquanto ela enchia seu ventre com novas vidas, Shu e Tefnut manifestaram-se na atmosfera com o vento mediador, e Nut multiplicou-se com os astros no teto celeste até formar, em conjunto, o universo adequado para abrigar a vida e a morte na precisa ordem do movimento, que vai do material ao espiritual e da passagem do espírito à concepção infinita da alma, que é recompensada segundo as sentenças da balança reguladora do bem e do mal.

Céu e Terra, chamados também Nut e Geb, geraram os quatro deuses rivais, irmãos e amantes que fundaram a história política do legendário Nilo. Da complexidade passional entre Osíris, Ísis, Néftis e Set provieram as lutas do bem e do mal, a vida e a morte, a ideia de Oriente e de Ocidente e uma rígida doutrina, inseparável do mundo visível e do mundo inferior, que veio determinar os ciclos de alianças e de perseguições que aparecem em todas as atividades divinizadas e assinaladas pelo poder.

Casado com Ísis, o sábio Osíris governou sobre Busíris, cidade do Baixo Egito, até que Set, premido pela inveja e coerente com sua invariável perversidade, deu morte a seu irmão de uma forma tão brutal que, como resultado de uma conspiração, destroçou seu cadáver em catorze pedaços e ocultou-os nos lugares mais recônditos para que ninguém pudesse reuni-los a fim de devolver-lhes a vida. Depois disso, por sua vez entronizado, Set espalhou durante anos todo o mal de que era capaz e não desperdiçou lugar nem ocasião para

hostilizar os domínios das duas irmãs que lhe restavam, as quais não tardaram a escapar para um lugar distante a fim de evitar maiores calamidades.

O mito de Ísis floresce então com a aventura de resgatar os fragmentos de seu amado. Primeiramente, aliou-se com sua irmã Néftis para buscar e reunir os pedaços, já que, segundo as crenças dos povos do Nilo, sem corpo nem sepultura a alma do morto estava condenada a vagar em vez de gozar do eterno repouso do mundo inferior; depois celebrou ritos amorosos com o cadáver, por intervenção de seus atributos mágicos, até reanimar a essência de sua divina fecundidade.

Velada e semioculta à luz da lua, Ísis escavou o deserto até o fundo das areias, empenhada em reaver o corpo de Osíris. Auxiliada por Anúbis, o deus-chacal guardião dos cemitérios, reuniu as pernas, os braços, o tronco, o pescoço e a cabeça com tal minuciosidade que, ainda que se notassem os talhos pequenos e grandes entre as partes, a figura do deus surgiu quase completa ao pé de sua sepultura.

Talvez porque tenha sido violentamente esquartejado, Ísis jamais encontrou o falo, o que significava que Osíris não poderia recuperar no outro mundo sua antiga fertilidade. No entanto, realizou o prodígio da gravidez de Ísis e esta deu à luz Hórus, o poderoso regente que haveria de vingar seu pai em uma feroz batalha contra as forças do mal; logo, o germen de Hórus assumiu a forma do falcão simbólico, que passou a ser imediatamente invocado como “o olho de Rá”, porque, ao desafiar seu tio Set, este lhe arrancou um olho, que dividiu em oito pedaços. Thot encontrou apenas sete deles, que foram integrados ao grupo dos mistérios regentes que aparecem nas

sepulturas, nos templos, nas muralhas e nos sinetes do Alto e do Baixo Egito. Através da complexa combinação de oito vezes oito, que resultava 64, número tido como emblema da perfeição, os sacerdotes cifraram um difícil guia do destino, que regulava o saber e os princípios morais nos quais se alicerçava sua religião.

A propósito, pode-se recordar que também são 64 os hexagramas do *I Ching*, o livro chinês da sabedoria, e que oito vezes oito equivalia em geral tanto à expressão da experiência mundana como à pluralidade entranhada no destino. Vislumbrar o destino era precisamente um dos atributos das sacerdotisas consagradas a Ísis, as quais, assim como Isa, a pitonisa da era dos atlantes, tinham de usar véus até a altura do intercílio para cobrir a resplandecência de seu poder ocular.

Ísis, por sua vez, aferrada à dignidade real que lhe outorgou seu pai Geb, confirmou que foram 72 os cúmplices do invejoso Set e que todos haviam participado conjuntamente do esquartejamento de Osíris para instaurar no delta uma ordem opositora que seguramente modificou o antigo regime tribal. Enamorada, Ísis inquiriu em vão a respeito dos pormenores do crime; juntamente com sua irmã, em vão procurou o membro perdido, chegando até o porto de Biblos, mas, condoída, teve de deixar Osíris mutilado. Seu amor, não obstante, infundiu no cadáver uma vida nova e Osíris, através de sua legendária ressurreição, abre aos homens o caminho para a sobrevivência espiritual na vida de além-túmulo.

Ao se instaurar o culto de Osíris, as religiões egípcias se ampliam e dilatam graças à consciência que Ísis desperta nos

homens ao expor-lhes o problema do bem e do mal. Além de seu simbolismo solar, esse mito é a origem dos princípios morais e, ao elevar-se à condição de juiz e regente do mundo destinado aos mortos, Osíris cria a primeira figura jurídica instituída em uma civilização.

Inseparáveis desde remotos acontecimentos históricos, Ísis, Osíris e Hórus abandonaram seu caráter de mito agrário para se assenhorear do emblema político da família real, particularmente em torno dos governos monárquicos estabelecidos nas cidades do delta associados à descoberta e à exploração das minas de ouro. É também dessa época a invenção da escrita egípcia, a criação das artes – ambas realizações de Thot – e a versão legendária de que, no vigésimo oitavo ano de seu reinado, um certo Osíris monárquico é vítima de uma conjura comandada por Set, que o atira ao Nilo com o auxílio de 72 conspiradores. Quando Ísis encontra o cadáver, Set mutila o corpo esquartejando-o em quatorze pedaços que serão repartidos entre seus cúmplices. Reunificado por Ísis, com exceção do falo, Osíris a fecunda milagrosamente, sem intervenção da carne, e ela dá à luz Hórus, o futuro conquistador do Egito, vingador de Osíris e semente do mito que seria conservado e reproduzido nos símbolos reais de todos os faraós.

Osíris, deus e juiz do Oeste, transfigurou-se, para todos os tempos, em modelo do processo da ressurreição que transita da luz solar para a luz noturna, da vida material para a vida do espírito, da temporalidade para a atemporalidade e dos cultos de fertilidade presididos pela ampla linhagem de deidades que governam a vida depois da vida para o ocultismo que alcança a

cabala. Osíris, além disso, completou o poder jurídico de sua esposa Ísis, a manifestação de maior simbolismo no ritual feminino da conservação dos cetros.

Misteriosa, deusa-mãe e transmissora do símbolo real, Ísis esteve sempre dotada de atributos lunares. É a entidade que resguarda os acontecimentos noturnos da mesma maneira que guia o oculto do pensamento à luz, no duplo sentido de conduzir os falecidos pelos caminhos do mundo inferior e, durante o despertar da inteligência, para o mundo da claridade. É a regente dos poderes mágicos, dos quais se valeu para ressuscitar o marido. É a mãe real e a grande maga, adorada em sua terra até a ascensão do helenismo e, nos tempos de Roma, uma das maiores divindades, conforme relatam Apuleio e Plutarco. Velada durante a celebração dos ritos, Isa foi a expressão do sacerdócio de Ísis no Templo do Sol e da Lua, que se localizava entre os pés da Esfinge.



# HERA

O arquétipo de Hera perdura em cada mulher que se casa acreditando que o matrimônio é a consumação da satisfação feminina. Fiel, apesar dos maus-tratos de Zeus, ciumenta infatigável que vaga pelos recantos a fim de coletar evidências da lascívia de seu marido, Hera é a deusa privada de todos os seus atributos, exceto do dom da profecia, que exerce através da boca de humanos e de animais para se vingar dos filhos e das muitas amantes de Zeus, muito particularmente de Hércules, o mais odiado de todos. À primeira vista, seu vínculo matrimonial parece uma relação de amor e ódio; porém, na realidade, cultiva a posse com a argúcia das mulheres que, escudadas em seus direitos, espiam, humilham, vigiam, perseguem e chantageiam os homens mediante pressões que começam com prantos sutis e vão-se transformando em ciclos de fúria e recriminações, até coroar com o rancor uma suposta debilidade atribuída à traição.

Padroeira das mulheres casadas, seu mundo adquire sentido em função do esposo. Sobre Hera recaem as virtudes e superstições do protótipo que sustenta o lar com o ideal do marido bem-sucedido, reconhecido por seu poder e notável em seu trabalho. Convencida de que a união matrimonial é sagrada, Hera vive em cada mulher que permanece à sombra do marido, rendida a seus laços indivisíveis, obcecada,

magoada e furiosa. Manipuladora, exerce seu mando como adversária na cama, mas, ao sofrer a aspereza moral frente a paisagem devastadora provocada por seus ciúmes, suporta o castigo muito mais além do que exigiria o respeito, ainda quando Zeus reconhece sua astúcia para cegá-lo diante de um erro evidente, como ocorre com relação aos heróis homéricos na *Iliada*. Sagaz e espertíssima, lança palavras furiosas, jura, promete, ameaça ou afronta com altivez sem par; os outros deuses julgam-na ou intervêm em seu relacionamento, seja a favor, seja contra, e sempre acaba rendida à poderosa vontade de seu marido. Contra sua natureza impulsiva, inferior à do belicoso Ares ou à da batalhadora Atena, inferior inclusive à natureza do vigoroso Hércules, Hera opõe uma atitude compreensiva, em conformidade à sua hierarquia, e não é raro encontrá-la representando um papel de intermediadora social, até mesmo quando adota as piores monstruosidades de Equidna ou Tífon, que no momento apropriado seriam utilizadas contra Hércules.

Hesíodo lhe atribui a criação do Leão de Nemeia, um monstro invulnerável, nascido dos mesmos Equidna e Tífon, assim como da perversa Hidra, a venenosa serpente aquática de muitas cabeças que vivia nos pântanos de Lerna, perto de Argos, a qual, por sua vez, daria à luz a Quimera, uma criatura tricéfala de pés ágeis, violenta e tão enorme quanto terrível. Cada vez que uma cabeça da Hidra era cortada, brotava do coto outra ainda pior. Tanto ela como o leão seriam vencidos por Hércules e Iolau, seu companheiro de armas, como parte dos Doze Trabalhos. Iolau queimava em vão os cotos da Hidra com tições ardentes, enquanto Hércules, longe de se dar por

vencido, molhava suas flechas no próprio sangue da inimiga a fim de tornar incuráveis suas feridas e derrotá-la junto com o caranguejo que a auxiliava por ordem da deusa. Esmagado pelos pés do herói, o caranguejo acabaria sendo transformado na constelação de Câncer. Quimera, por sua vez, seria mais tarde abatida por Pégaso, colaborando com o valente Belerofonte.

Diferentemente da criminosa Medeia, que assassinou sua rival e a seus próprios filhos antes de abandonar para sempre o marido, Hera se confinava na obscuridade a ruminar seus fracassos ou empreendia longas viagens a fim de recuperar a confiança perdida em consequência de suas torpezas. De volta a seu assento mítico, ali ficava outra vez, entronizada, ciumenta de seus domínios, cuidadosa e furibunda, governando disfarçadamente o marido, conjeturando para confirmar suspeitas, endurecendo as regras de um jogo doméstico astucioso, ofuscada em sua posição e guiada pelos preconceitos da vida em comum, ainda que os fatos provassem que suas atitudes eram a rota mais segura para sua própria infelicidade.

Filha mais velha de Cronos e Reia, Hera nasceu na ilha de Samos, onde o pai devorava vivos a seus filhos assim que saíam do ventre sagrado, para que nenhum deles pudesse obter a dignidade real que ele ostentava sobre os imortais. O pai de Cronos, o estrelado Urano, e sua mãe, a Terra, haviam profetizado que um de seus descendentes o destronaria. Em seu destino já estava pré-traçada a condenação de sucumbir pelas mãos de Zeus e, sempre à espreita e com a mente astuta, o Tempo devorava um após o outro seus filhos assim que Reia

os dava à luz, até que, antes de parir o último deles, o grande Zeus, a deusa buscou a proteção de seus pais para salvá-lo. Abrigada pelo cair da noite, Reia foi enviada por Urano e Gaia à terra de Licto, onde nenhuma criatura projeta sombras, para que pudesse parir e ocultar o recém-nascido em uma caverna escarpada rodeada por árvores, nas faldas do monte Egeu, de onde se atingiam as entranhas da Terra.

Ali, depois de ser banhado no rio Neda, o pequeno Zeus permaneceu em Creta, vigiado pela avó, onde foi criado com leite e mel em um berço de ouro pela ninfa-cabra e pela ninfa-freixo, ao lado do bode Pan, seu aliado e irmão adotivo. Sua infância transcorreu em meio a hábeis artimanhas para que seu pai não o encontrasse, e dali só saiu quando finalmente se achava preparado para vencê-lo.

Vítima da argúcia de Reia, Cronos engoliu uma pedra envolta em lençóis crendo, assim, que triunfaria sobre os ditames do Destino. Porém, descobriu o logro e pôs-se a perseguir o menino durante o mítico rastreio que não chegou a um término até que Zeus, disfarçado de seu copeiro e seguindo os conselhos de Métis, misturou sal e mostarda à bebida doce do pai para que ele vomitasse, ilesa, a multidão de filhos que o Tempo conservava em seu estômago. Foi essa pedra emblemática, antes mesmo que seus irmãos e irmãs mais velhos, a primeira coisa a ser expelida por Cronos durante sua legendária náusea e que definiu a posterior batalha contra os Titãs, que entronizou os olímpicos, a segunda e mais perdurável geração de deuses.

Logo a seguir, por haver libertado os cíclopes que Cronos havia confinado no Tártaro, estes recompensaram a Zeus com

o trovão, o relâmpago e o raio, até então ocultos entre as “rugas da Terra”, ou de Gaia. Hades deu-lhe o elmo da invisibilidade, e Poseidon ofereceu um tridente àquele que viria a ser o Pai do Céu. Os gigantes de cem braços, no mais aceso da batalha, lançaram pedras contra os demais titãs, e os gritos do cabrito Pan puseram-nos em fuga para selar a vitória.

Desterrados para uma ilha longínqua, os titãs nunca mais vieram perturbar a Hélade, porque Atlas, seu general, foi condenado a carregar o firmamento nas costas, um castigo exemplar. Zeus, por sua parte, apoiou-se em seus dons supremos a fim de governar sobre mortais e deuses e fez venerar a pedra sagrada no santuário de Delfos, onde se afirma que permanece até hoje.

Onde termina o mito de Cronos – que eleva o de Zeus – começa o de uma Hera que não era ninguém até que se casasse com o Pai dos Céus. Dela se diz que suas amas foram as estações do ano e que, na Arcádia, foi educada por Temeno, o filho da terra Pelasgo, ou Antiguidade. Talvez tenha sido em Cnossos, ou no cume do Thornax, na Argólida, que Zeus a tenha cortejado, disfarçado de cuco, uma ave trepadora que costuma colocar seus ovos nos ninhos de outros pássaros. Ardiloso e matreiro, tal como perdiz, arrastava-se graciosamente sobre o solo, ocasião em que ela acalentava-o em seu seio. Hera conversava com ele e lhe confiava seus sonhos até que, de repente, Zeus assumiu sua verdadeira forma para violá-la, enchendo-a de vergonha e desespero.

No caso típico da jovem que, em meio a atrozes conflitos sentimentais tem de se casar para compensar a perda de sua virgindade, Hera, uma donzela idealista, se converte em

esposa e mãe por excelência. Apesar da fúria de Reia, que previa muito bem a luxúria de seu futuro genro e que, por opor-se à união, foi também violentada por Zeus – desta vez sob a forma de uma serpente –, todos os deuses vieram com presentes para participar dos esponsais. De Gaia, recebeu a célebre árvore das maçãs de ouro, que Hera plantou em seu jardim, no monte Atlas, para ser vigiada pelas Hespérides. Foi devido a uma dessas maçãs, atirada com raiva por Éris entre as deusas rivais, que surgiu a expressão “pomo da discórdia”, citada pela primeira vez nos cantos de Homero, em um dos episódios centrais da Guerra de Troia.

Hera e Zeus passaram sua noite de núpcias na ilha de Samos. Foi uma longa noite de trezentos anos, semeada de altercações, intrigas e humilhações recíprocas, da qual Hera saiu para se banhar, buscando recuperar a virgindade na fonte de Canatos, que ficava nas proximidades de Argos, onde foi erguida uma estátua em que aparecia sentada em um trono de ouro e de marfim. Em meio a certas dúvidas sobre a origem verdadeira da gravidez de Hera, o mito a atribui ao fato de a deusa ter tocado em uma determinada flor; dela nasceram Ares, o deus da guerra, e talvez também sua irmã gêmea, Éris, a Discórdia. Daí também nasceu Hefestos, o padroeiro dos ferreiros, caldeireiros e oleiros, que mais tarde aprisionou sua mãe Hera em um engenhoso trono, com braços que se fechavam a seu redor, porque não acreditou que ela o houvesse gerado sozinha, sem a intervenção direta de Zeus. A deusa permaneceu em cativeiro até que Dionísio embriagasse o coxo Hefestos e o levasse de volta ao Olimpo para que libertasse Hera e se tornasse seu aliado a partir de então. E

nasceu ainda Hebe, a mais moça e associada, por sua concepção peculiar, a uma alface, que foi copeira dos olímpicos até casar-se justamente com Héracles.

Cansada dos petulantes excessos de Zeus, Hera conspirou contra ele com Poseidon, Apolo e os demais olímpicos, com exceção de Héstita, acreditando-se superior ao Pai dos Céus tanto em argúcia como em autoridade. Surpreendendo Zeus adormecido em seu leito, os rebeldes imobilizaram-no amarrando-o cem vezes com cordas de couro cru, pretendendo dar um golpe de Estado. Tendo dominado e escondido o raio, celebraram seu triunfo com insultos e troças, sem dar escuta às ameaças do Pai dos Céus. Mas, enquanto deliberavam sobre quem deveria tornar-se seu sucessor, a discussão foi ficando cada vez mais acalorada, os ânimos da família divina foram-se exaltando e sobrevieram contendas tão ferozes que chegaram a fazer tremer o Olimpo. A prudente Tétis previu o estourar de uma guerra civil e, para evitar a catástrofe, correu em busca de Briareu, um dos gigantes, para que viesse em seu socorro e empregasse simultaneamente seus cem braços a fim de desamarrar o cativo antes que os demais deuses pudessem acorrer para impedi-lo.

Por haver encabeçado a conspiração, Zeus pendurou Hera no firmamento com um bracelete de ouro em cada pulso e uma bigorna pendente de cada tornozelo. Apesar de seus gritos lancinantes, ninguém se atreveu a intervir para não exacerbar a cólera de seu chefe que, com raio ou sem ele, era perfeitamente capaz de distribuir castigos aqui e acolá. Condenados a construir a cidade de Troia, Poseidon e Apolo foram enviados para servir ao rei Laomedonte, e Hera só pôde

ser libertada quando os demais olímpicos, a contragosto e entre as habituais pendengas da família divina, juraram fidelidade e obediência a Zeus.

A história de Hera se dissipou, desde então, nos pequenos assuntos com os quais cada mulher repete na intimidade os ciclos de vingança e revolta marital que, finalmente, dariam margem ao estabelecimento do patriarcado característico de nossa cultura.